

Cacolo-Lunda 5/5/64

Caro Amigo e Senhor

Luizinho Leixas

Por absurdo que lhe pareça, só há 4 ou 5 dias recebi a sua preciosa e estimada carta.

De fato, os correios e transportes aqui para a Lunda deixam muito a desejar. A sua carta foi para Malanje, como é lógico e deve ter demorado 1 ou 2 dias. Até aqui tudo bem, normal. Depois, para cá chegar foi entregue a um camionista que, por sua vez, não a deixou cá. Levou-a para Saurimo, seu principal ponto de destino e, só a trouxe quando do seu regresso. Aconteceu todavia que, eu na altura me encontrava a 350 Km daqui, ou melhor em Camungula. Ele deixou cá ficar a carta na casa de um comerciante e só há poucos dias, quando regressei, ela me foi entregue. Posto isto, e de qualquer modo, aqui ficam as minhas desculpas, por um atraso que, ao fim e ao cabo eu não fui o responsável. Agradeço-lhe sinceramente o trabalho que me enviou e tive muita pena em não poder ir a Luanda e assistir a essa exposição. Coisas da vida. Tive que me deslocar para aqui, quase que repentinamente e sem possibilidades de aí ir.

Li a notícia que se refere à venda da sua coleção de Arte Humilde. Gostava imenso de a ter visto. Um dia que via a Luanda, fui ao Museu da Boca. Naturalmente que, quem lá estiver não me salvaria esclamar a respeito disto ou daquilo, quanto aos nomes, locais de aquisição, definições, etc, etc, que uma coleção de Arte, seja ela de que espécie for, suscita ao indivíduo curioso e ávido de saber e aprender.

Agora que me encontro nesta região, que é fértil em artistas deste género de arte, não me dá vontade de mais realçar artístico, etnográfico, antigo. A arte indígena aqui está dum modo geral 70% comercializada. É pena que assim suceda mas, é quase que exclusivamente da

venda de objectos polidos ou envernizados, ou ainda com uma leve
passagem de óleo de palma, (para lhes dar mais brilho, tirando-lhes assim
o seu valor primitivo, ou seja o verdadeiro.) no que se refere a objectos
feitos em madeira vermelha, de que os artistas aqui fazem, uma vez
que, de outra forma ninguém lhes compra os artigos, pois os acham
mal acabados ou ainda feios.

Tenho adquirido algumas peças mas, estas vulgares, apenas com
a diferença que são feitas em madeira bastante pesada e rija. O chama-
do mussine. Arranji por artes mágicas, permita-me o termo, mais uma
cadeira. Esta difere totalmente da que o Sr. viu em Malange. Trata-se duma
cadeira feita em madeira branca e absolutamente vulgar no seu feitiço.
Com a sensacional diferença que, a teca das costas da cadeira que
faz de espaldas e as hastes onde normalmente pomos os pés, são feitas
em madeira guarnida com esculpturas. Realmente muito original.

Note-se todavia que o seu valor está precisamente nos relevos.
Comprei também uma cama de bambu. Com si a peça não tem
grande valor, nem artístico nem comercial. Vale sim pelo seu valor
etnográfico e pelo seu tamanho. Harimbes aqui ainda os não vi.
É possível que só os encontre malgama ou angala.

Quando for a Malange, vou ver se consigo ardejar a minha peque-
na e modesta colecção, de maneira a não fugir às regras usadas nos
museus. Isto é: - dar-lhe uma disposição objectiva, por espécies de arti-
gos, regiões, etc.

O Senhor ao vender a sua colecção, decerto que teria que ter uma certa
mágoa. Pois custa sempre, mesmo que precisemos muito dos promittidos que
possam surgir da sua venda, desfazer-nos duma colecção chaste que,
afinal amamos e que não se arranja em dois dias! Fica algo da nossa
alma em cada peça! Isto faz-me lembrar a história simples de um
mexicano que, vendia por 2 pesos uma cesta de ruínas, por ele fabricada.
Se vendesse 50 cestos, ele pedia 5 pesos por cada uma e quantos mais
astros ele fizesse mais caras elas seriam em porção. Devia ser ao
contrário uma vez que, comercialmente... a dizia é mais barato!

No entanto alegava ele que, quanto mais trabalho fizesse mais caro
tenha que vender porque, punha um pouco da sua alma em cada

01.78

esta que fazia. Como lhe fiseram uma encomenda de milhares de
cestos, ele pensou, fez contas e chegou à conclusão que, levando x dias
a fazer uma cesta, precisava de x anos para efectuar a encomenda e
que a sua alma (Ele punha um pouco de sua alma em tudo o que fazia)
não resistiria e assim, só trabalhava para o dia a dia.

É uma bela lição! Só quem não ama o que tem ou o que faz, não
sentiu assim!

Quanto à venda da sua colecção, que suponho fosse enorme, acho
que o Senhor fez bem em vendê-la, devido ao seu valor. Pois 250 contos
não são coisa de desprezar. Restar-lhe-á no entanto, a nostalgia e a má-
goa de ver que uma colecção como a que possuía, she vai levar um
homem por de anos, a refazer. Espero que esta minha carta ainda
o vá encontrar em Luanda. Se ainda aí a receber, agradeço-lhe que
me envie o possível a sua direcção em qualquer ponto da Europa.
Gostava no entanto que, antes de o Senhor partir me fizesse um pequeno
favor. Era o de dizer-me na sua muito abalizada opinião, qual o
valor da minha colecção. Sei que ainda é bastante modesta, que teni-
mento que trabalhar para ela ter algo que se reça mais, gostava
de saber quanto pode valer. Não estou a pensar em vender ou em
desfazer-me dela por qualquer motivo. Apenas para saber se me
vale a pena trabalhar sempre para a melhorar. Não quero que
me diga que ela vale muito e fundo, para me entusiasmar.

Diverso sim, se o Senhor me fizer esse favor, é saber quanto vale
na realidade. Ok? Bem, Amigo e Senhor Crespiro Lixas, já
devo estar a magoá-lo demasiado e não é essa a minha intenção.

Termino esta, desejando-lhe as maiores felicidades e venturas
na vida que vai encetar na Europa e faço votos para que um
dia possa voltar a esta NOSSA ANGOLA, que é bem NOSSA.

Um grande abraço deste seu jovem amigo
sempre ao seu dispor,

Fernando Damo
7.

64 mo Sr.

Cruzzeiro CACOLO Seixas

caixa postal N° 1325

01.78

Luanda



De: Fernando M. Quirós do Carmo

Cacolo

Linda

